

Dom.
11-7-93

Estão por resolver pequenas querelas que friccionam as partes

— Tomás Vieira Mário, jornalista da TVM

Este tipo de encontros cria sempre um ambiente em que fica tudo suspenso.

Geralmente acontecem pequenas querelas que vão sendo empoladas pelas partes e não se dão soluções a essas querelas, precisamente para justificar a cimeira.

E, depois, quando é o momento da cimeira, tudo aquilo que pareciam problemas extraordinários resolve-se num segundo e com brindes de champagne à mistura.

E penso até que este encontro é tal como todos os outros são muito mais importantes para o Dhlakama do que para o Chissano, e eu explico:

O Dhlakama tem esta necessidade de se afirmar como um político, e como um homem que está pronto para o diálogo e que está à altura de dialogar com o Chefe do Estado.

Ele pretende mostrar que é homem capaz de estar frente a frente com Chissano e quando lhe apresentarem os problemas, ele poder dizer que está em condições de resolver esses problemas.

Até porque mês de Junho foi um mês muito importante para Dhlakama. Pela primeira vez ele sentiu o reconhecimento dos americanos. Foi pela

primeira vez que um alto funcionário do Departamento de Estado recebeu Dhlakama. Neste caso até foi ter com ele (líder da Renamo) na sua base central em Gorongosa. Foi o próprio George Moose quem protagonizou este feito.

O Moose é que veio com a história de 17 de Julho. Até porque pode ser uma data que os americanos tenham sugerido, entre aspas, mas quem sugere e chama-se americano, geralmente está a dar uma ordem. E tem de ser cumprida.

O Dhlakama tem que fazer uma coisa antes do passo final, que são as eleições. Ele tem que ir aos Estados Unidos para ir lá receber a "bênção" do pai da democracia e ainda não foi.

E então ele precisa de cumprir uma série de pontos de agenda importantes para poder ter a visita à América, confirmada. E, eu acho que este encontro com Chissano faz parte dessa agenda com Dhlakama.

Tudo isto para ele dizer nos Estados Unidos que ele está empenhado seriamente pela Paz, por favor não me

isolem e abram-me as portas de uma vez para sempre. E eu quero vir aí receber a vossa bênção para enfrentar aqui a democracia.

Eu sou um democrata, não sou bem aquele homem que vocês criticavam nos vossos relatórios do Departamento de Estado. Eu acho assim que este encontro vai ter uma força simbólica muito importante, vai ser o primeiro encontro após o AGP.

E este encontro vai-se realizar num momento em que estão por resolver pequeníssimas querelas, mas que vão servindo para friccionar as partes.

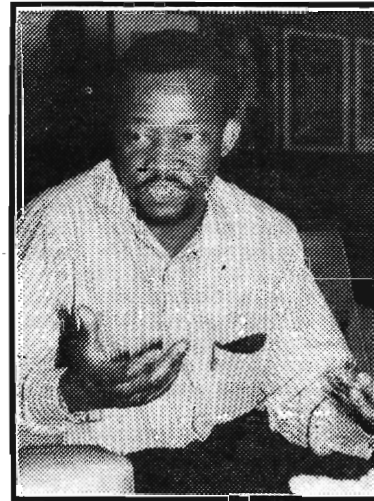
Por exemplo, o caso dos detidos em Salamanga, que à última hora recebe uma contra-ordem para não serem libertados. A questão dos fardamentos da Renamo retidos na Beira. O que é que se passou? Quem meteu esse fardamento aqui, em Moçambique? Como é que este contencioso poderá ser resolvido?

E também vai aparecer no encontro a questão do acantonamento que a Renamo vai condicionando-a com os fardamentos. Então, ali parece-me que vai acontecer aquilo que se chama a troca de serviços.

A Renamo vai flexibilizar entre as aspas a questão dos detidos em Salamanga, provavelmente em troca dos fardamentos na Beira. E é este tipo de coisas que depois a opinião pública dirá que foi preciso um encontro entre os dois presidentes. Pode ser esta uma das coisas que podemos esperar deste encontro.

Aquilo que quanto a mim tem que estar clarificado no Acordo de Paz são duas coisas e diria até que é uma coisa que faz depender a outra:

— Primeira coisa é clarificar a questão do acantonamento em termos de calendário. Existem ou não condições logísticas para que se comece a concentrar as



Tomás Vieira Mário

forças nos postos previstos, donde depois há-de haver a desmobilização dos excedentes e a criação do futuro exército nacional único?

Digo isso porque desse ponto é que vai depender todo o resto, incluindo o processo eleitoral.

Mas, por outro lado, a comunidade internacional já foi clara ao dizer que vocês poderão ter financiamentos se garantirem as eleições até Outubro. Então é preciso que Chissano e Dhlakama clarifiquem à ONU e aos moçambicanos que a partir do dia tantos começa o acantonamento das nossas tropas. E, em paralelo, inicia o treinamento dos instrutores em Nyanga. E que depois disso vamos reactivar todo o mecanismo da AGP previsto, nomeadamente pelas comissões que ainda estão para ser preenchidas. E é a falta de funcionamento de algumas dessas comissões que faz existir crises como as de Salamanga.

A segunda coisa é se as eleições estão ou não asseguradas para 1994. E penso que é isso que terão que dizer ao Mundo...